



CORPO~CHÃO~TERRITÓRIO: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE LANÇAR UMA FLECHA

*Bueno Souza**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, Brasil

ORCID: 0009-0002-3133-4540

*Autor correspondente (e-mail: buenobridge@gmail.com)

1. Introdução

Em abril de 2024, logo no início da adesão da paralização da greve pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus São Carlos, incluímos as oficinas de teatro no calendário de ofertas de atividades culturais. O desejo dessa abertura já havia sido revelado antes, em uma disciplina em que eu fui estagiária e que, no primeiro dia de aula, os alunos revelaram uma vontade antiga de construir um coletivo de teatro dentro da UFSCar, dividindo experiências prévias dessa tentativa em oficinas que haviam sido realizadas antes da pandemia.

Eu e meu orientador, Dr. Pedro Henrique Varoni, docente responsável pela disciplina, ouvimos atentos. Pedro depois de ouvi-los se colocou à disposição para qualquer contribuição que pudesse somar para o movimento de concretude do projeto. Levantou possibilidades, cogitou caminhos.

Somando as observações de Pedro, acrescentei minhas contribuições que estavam mais relacionadas a uma provocação para concretude do movimento. Pensar a cultura como fomento subjetivo foi minha aposta, reforçando que cultura se constrói no fazer coletivo, e que esse fazer só se faz possível organizando e ocupando. Ficou claro naquela boa prosa de primeiro dia de aula que, independentemente das condições, os recursos, e até a quantidade de pessoas disponíveis ao movimento, fazer seria o caminho. Fazer é o caminho. Fazer tem sido farol.

2. Ou vai ou racha

Essa foi a frase que recortei da revista de colagem e grudei no armário de roupas de casa. Encontrei com ela depois dessa aula e me lembrei da frase quando começamos as oficinas, eu e Pablo França, no período da greve.

A semente desse coletivo foi plantada primeiro nessa sala de aula. Dali alguns alunos saíram provocados. Nos escrevemos em um edital de cultura da Proex em parceria com o professor Pedro Varoni em 2023, mas não fomos aprovados. Optamos por ofertar as oficinas mesmo assim, mas começamos a ter problemas de acesso ao teatro de bolso do campus, que tem grande parte da sua agenda comprometida com o curso de música.

tem grande parte da sua agenda comprometida com o curso de música.

Foi no desenvolvimento do calendário da greve que conseguimos acesso ao chão do teatro de bolso pela primeira vez. Somamos ao calendário de atividades durante a greve as oficinas nas terças-feiras à tarde. Logo na primeira oficina contamos com mais de vinte alunos presentes. Passamos pelos trinta, quarenta. O fazer e a presença dos alunos foi nos confirmando, cada vez mais, a necessidade e potencialidade dessa abertura de uma organização e ocupação cultural.

Desenvolvemos assim uma proposta diretamente relacionada a uma oferta de oficinas livres para os alunos, independentemente de experiência prévia com teatro, com o objetivo maior da ocupação dos territórios e construção de uma coletividade cultural dentro da UFSCar através dessa prática, enquanto um lugar de encontro, troca, cuidado e observação de um governo de si. Apostamos nesse modelo de uma oferta livre de oficinas e, dessa ocupação a partir da greve, nascemos.

Dessa experiência da greve, ficaram muitas sensações que produziram mais um relato de experiência. Sobretudo, o d-e-s-t-e-r-o foi nosso objeto de maior necessidade de pesquisa enquanto coletivo, visto que a ocupação dos espaços coletivos da UFSCar se apresentou como um grande impeditivo do desenvolvimento das atividades, antes e depois da greve e, nesse sentido, foi despertando esse tópico que ainda aparecia como tema sensível no coletivo que, naquela primeira experiência, relatou muito do que estava no corpo por conta da pandemia. A impressão que ficou foi da memória de uma sensação, algo que se arrastou por nós e tomou conta de alguns encontros. Solidão, desorientação e muitas ausências cartografadas neste primeiro momento de oficinas. A ausência do chão.

3. Se não plantar não nasce, se não regar não cresce

Depois da greve, apesar das dificuldades de acesso, continuamos a ofertar as oficinas. Nos organizamos com uma agenda de dois encontros na semana, de forma aberta ao público. Nas quartas-feiras utilizávamos uma sala do departamento de Letras, garantida pelo professor Pedro Varoni, e aos sábados (única data disponibilizada ao coletivo) nos encontrávamos para oficinas mais longas no teatro de bolso. Criamos um núcleo duro de dezessete pessoas que foi se fortalecendo cada vez mais com a oferta. Tentamos o edital da Proex no final de 2024 e fomos aprovados.

Conquistamos dois estagiários através do edital e continuamos investindo em um núcleo duro autogerido. Assim nasceu o coletivo de corpo e expressão: corpografias. Seguimos fazendo. Criamos uma peça com cenas pessoais construídas em coletivo e nos apresentamos no festival de cultura do campus “Somos cultura”. Fomos convidados para diversas parcerias a partir dessa apresentação, dentre elas, a de realizar a oferta de uma dessas oficinas em uma disciplina de corporeidade e expressão do curso de Terapia Ocupacional.

4. A flecha

Quando a Profa. Carolina Shiramizo, responsável pela disciplina, nos convidou a esta participação fiquei particularmente eufórica com a ideia, pensando na potencialidade dos encontros para reflexão dos corpos em nova perspectiva, e na possibilidade de uma oficina prática em sala de aula. Formulamos, eu e Pablo França, uma sugestão baseada nas oficinas que geralmente

que geralmente ofertamos aos sábados nos nossos encontros semanais do Corpografias, um script de alguns exercícios de alongamento e abertura do corpo pensando essa lógica da pesquisa corpo~chão~território, seguida de sugestões de improviso coletivo de cenas. Na prática, por conta do horário de aula, precisei conduzir os exercícios sozinha, por isso, a ideia de corpo~chão~território foi bastante explorada.

Através da pesquisa corpo~chão~território costumo provocar os alunos a pensar esse corpo sob um o viés de atravessamento da governamentalidade, postulado por Michel Foucault em “O governo de si e dos outros” (2010). Neste sentido, provocações são feitas desde o alongamento do corpo, até o aquecimento e o fazer múltiplo. Desde a exploração da corporeidade em relação com o chão e o território, desenvolvemos reflexões sobre aquilo que construímos de nós diariamente – ou que as governamentalidades sociais nos induzem a construir. O corpo é nosso farol nessa busca.

Moreira da Silva e Gontijo Martins (2023) em uma publicação na revista Piseagrama escreveu um texto com esse título: o corpo é o farol. Nele, Moreira da Silva, mestre de Capoeira Angola da capital mineira, vai dialogar a respeito da potencialidade da prática da capoeira no sentido contracultural daquilo que a sociedade – e todo um código de ética social normativo – vai demandar ao sujeito em sua existência. Moreira da Silva e Gontijo Martins nos lembram que a ordem ocidental na qual estamos inseridos enquanto sujeitos nos conduz a querer apagar muitas memórias do corpo, observando o quanto essa memória, na verdade, carrega a potencialidade para o desenvolvimento da compreensão daquilo que é fonte da nossa força e dos nossos desejos.

O mercado quer pessoas estagnadas, doentes, capazes apenas de produzir o que já está. Na capoeira, entretanto, quando você faz uma bananeira, é um movimento que te liberta. Primeiro porque a bananeira inverte tudo. Você vê o mundo de ponta cabeça. Depois, porque você faz o que não fazia. O seu corpo faz mais do que você imaginava. E esse é um exercício de liberdade. (Moreira da Silva e Gontijo Martins, 2023).

O texto, que é fruto de uma conversa entre Moreira da Silva e Gontijo Martins, sendo esta última doutora em administração pela UFMG, capoeirista e professora na UNIFAL, desenvolve esta, e algumas outras perspectivas, a lembrança da necessidade de contato e a consciência do corpo como ferramentas de liberdade, algo que a Capoeira Angola estimula de tantas formas e, por isso, é bastante utilizada por mim nas conduções desse pensar no corpo~chão~território. A prática da Capoeira Angola não só desloca o pensamento, como observa mestre primo no enxerto acima, como recobra a necessidade de busca dessa memória corporal a partir de um apagamento comportamental colonizado, e nesse sentido, faz um trabalho duplo de libertação, física e epistemológica.

Além dessa noção desenvolvida por Moreira da Silva e Gontijo Martins, também utilizo como material base da pesquisa, e foram os textos enviados enquanto base teórica da oficina ofertada nesta disciplina específica, pensamentos manobrados por Geni Núñez, pensadora Guarani doutora em Psicologia pela UFSC. Utilizamos especificamente o texto “Monocultura do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário” (Núñez, 2021).

O texto foi escolhido pela narrativa construída por Geni Núñez a partir da compreensão da violência colonial na formação desses indivíduos pautados na monocultura do pensamento e de uma negação de outros seres gerada por essa ideologia colonialista. Uma forma outra de abordar a governamentalidade de si pensando as construções antiéticas normatizadas a partir de um pudor cristão – falseado por uma “defesa da família” e do “amor”. A psicóloga guarani nos lembra então que, se em tantas e diferentes frentes o colonialismo nos moldou em uma monocultura das práticas e das relações, se faz necessário também um reflorestamento do

monocultura das práticas e das relações, se faz necessário também um reflorestamento do imaginário em todos esses âmbitos, da terra, da religião, da sexualidade e da cultura.

Nego Bispo e Lélia Gonzalez são dois outros autores que contribuem para essa provocação. Bispo (2023), a partir de sua observação de uma necessidade de retomada do envolvimento com a terra, em negação daquilo que o capitalismo presa enquanto desenvolvimento da vida e dos recursos. Gonzalez (1982) a partir das interseccionalidades de forças de poder relacionadas ao corpo, ao sujeito e construção dessa episteme.

5. Semeei semente na terra não foi à toa

Abri o primeiro dia de encontro, terça-feira às 8h da manhã, com um diálogo simples sobre os textos enviados e as provocações inclusas neles. Passei por Geni Nunes, Mestre Primo, Nego Bispo e Lélia Gonzalez provocando reflexões a partir daquilo que os autores colocam. O mesmo foi feito na quinta-feira à tarde, às 14h daquela tarde chuvosa.

As turmas estavam atravessando um momento desafiador em relação à conexão e ao desenvolvimento mais íntimo entre eles nas produções. Esse é um desafio que tenho encontrado com frequência: a dificuldade de se olhar no olho.

Assim, ambas as turmas foram conduzidas primeiro, a formar uma roda e pensar essa relação do corpo que somos, refletir sobre essa construção de um governo de si. O tema da disciplina era pensar “histórias que meu corpo conta” e a partir desse fio, e das proposições dos autores, fomos desafiando essas aberturas. As turmas eram diversas. Uma pequena e outra bem grande. Uma mais introvertida outra mais extravagante. A forma como o trabalho foi se desenvolvendo em cada turma variou por conta disso, na primeira – menor e mais tímida – conseguimos alcançar um clima de descontração de forma rápida através do alongamento conduzido com perguntas, músicas e provocações. Despertamos alguns arquétipos através das canções específicas que serviram como condutoras daquilo que os alunos deveriam refletir enquanto movimentávamos o corpo.

Iniciamos com o corrido: “*quem te ensinou a nadar? Foi, foi marinheiro, foi os peixinhos do mar!*” (patrimônio cultural da Capoeira Angola), em seguida, nossa condutora foi o corrido: “*vadeia de dia trabalha de noite, Maria! Vadeia de dia trabalha de noite, Vadia!*” (autoria de Mestra Di).

Quando a música apareceu, muitos dos participantes perderam a concentração e estagnaram o movimento. Alguns foram beber água, outros foram embora. Percebendo isso, fiz uma pausa drástica pedindo para que elas congelassem e provoqueei: “Pudor né gente? Esse pudor construído pela culpa cristã monocultural não é nosso molde aqui, vamos deixar a vadia chegar?”. Mesmo com a insegurança do quanto aquilo funcionaria efetivamente no chão e nos corpos nos quais a proposta se inscrevia, a intuição me conduziu a convocar a vadia do corrido. Para minha surpresa, a vadia não só apareceu com toda a força nos corpos e nos movimentos dos alunos a partir daquele momento, como foi um divisor de águas da interação e entrega de corporeidade daquele grupo.

Por último, brincamos com o corpo na provocação de: “*ponha lá vaqueiro, ponha jaleco de couro, ponha jaleco de couro, na passagem do curral*” (patrimônio cultural da capoeira angola).

As músicas foram se apresentando no processo de forma espontânea e intuitiva como sempre e, conforme iam sendo colocadas em roda, criavam certas reações e conduções do que seria questionado. O que foi mais observado neste encontro foi uma construção de um corpo que pretende “não saber”, que consegue alcançar essa humildade do exercício do novo a partir

que pretende “não saber”, que consegue alcançar essa humildade do exercício do novo a partir dos desafios da vida, algo que toca bastante os profissionais do curso de Terapia Ocupacional. Além disso, o pudor foi um ponto alto de observação tanto na prática, quanto nas discussões pós aplicação do exercício.

No segundo dia, na quinta-feira chuvosa com quase quarenta alunos, desenvolvemos uma apresentação mais extensa e dialógica no início da apresentação da oficina. Os alunos foram sentindo essa necessidade de dialogar a partir das provocações que fui colocando e a dialogia foi fundamental para a construção de alguma forma de conexão com todas aquelas pessoas presentes na sala antes do início do exercício. Quando iniciamos o trabalho corporal, os alunos já estavam bastante entrosados e nitidamente curiosos com o que viria – nitidamente os alunos da outra turma haviam comentado algo e eles pareciam ansiosos – segui uma linha de alongamento e provocações na mesma medida feita com a outra turma, e a mágica da pesquisa intuitiva foi acontecendo.

De forma parecida com a proposta realizada na terça-feira, fomos construindo, durante o alongamento, provocações feitas pelas músicas que se apresentavam e despertavam. Como esta turma era bem maior, a exigência de uma atenção ao que poderia ser realmente aproveitado por todos eles, era necessária. Pensando nisso, iniciei o movimento com o corrido “*a maré tá cheia ioiô, a maré tá cheia iaiá. A maré subiu (sobe maré), a maré desceu (desce maré), É de maré é de maré, eu vou pra ilha de maré*” (patrimônio cultural da capoeira angola). A música foi sendo incrementada a esse início de movimento e se mostrou muito eficiente no exercício de soltura da turma que, nitidamente, foi se entregando ao movimento da maré e, dessa forma, embebedando-se da proposta que estava sendo apresentada – tanto pra eles quanto pra mim – dentro do encontro.

Percebendo esse chamado, e os movimentos das águas que do lado de fora aumentavam em formato de chuva, segui estimulando essa brincadeira no intuito de trabalhar a ideia de maré alta e baixa com eles de alguma forma. Assim, maré cheia e maré baixa se transformaram em catalizador de movimento e reflexão. Quando estávamos finalizando a exploração da música em movimento, um dos estagiários do coletivo Corpografias, presente na disciplina se aproximou de mim perguntando em voz alta: **o que você procura quando a sua maré baixa?**

O questionamento foi aceito e, a partir desse momento, fomos nos conduzindo a uma brincadeira de pergunta e resposta nesse sentido, num tom lúdico e filosófico do pensamento em continuação do movimento, uma prática bastante comum nos nossos encontros semanais do coletivo, e que coube como luva naquele momento. Foi bonito a forma como a turma deu continuidade à movimentação proposta, mas se atentou à discussão iniciada entre nós no centro do salão, aderindo às provocações e naturalmente se entregando a esse fluxo do pensar das marés, do que enche e do que esvazia cada um.

Ficou o registro da delícia e dos incômodos de pensar corporeidade e expressão através das marés, a questão dos ciclos entre um ponto e outro e dos vícios dentro destes ciclos. Construímos ali um caminho de reflexão sobre o corpo através da maré.

De modo geral, ambas as turmas pensaram nas “histórias que seu corpo conta” a partir de um não saber, e de um desejo de se conduzir para um conforto nessa consciência. No final das duas atividades ofertadas, provoqueei as turmas a produzirem uma apresentação improvisada de uma cena que representasse algo que ficou do encontro.

No final do encontro com a primeira turma, foi apresentada uma cena em que quase todas as pessoas escolheram representar vadias reunidas em um círculo conversando. Três vaqueiros se aproximavam do grupo com ar de provocação e eram recebidos com a canção

“meu namorado é mó otário, ele lava minhas calcinha” (Mc Carol). A maioria dos corpos em cena, que em um primeiro momento não soube lidar bem com a provocação, na hora da cena escolheu vestir a fantasia do despudor provocado na prática.

No final do encontro com a segunda turma, provoquei a construção de uma cena pensando na lógica das marés, e de tudo aquilo que havíamos brincado durante o encontro. A turma apresentou duas cenas, uma com muitos elementos de bichos, sereias e humanos. Um pescador circulava na cena e parecia seduzir a sereia com seu canto. A outra apresentação foi um círculo em movimento bem parecido com a força da maré, o círculo jogava uma das pessoas da roda para cima e para baixo, simulando esse movimento interno e externo das águas. Depois, o movimento foi diminuindo gradualmente e a pessoa colocada no chão, recobrando seus equilíbrios. Essa turma refletiu bastante sobre os significados das cenas, embarcando de forma profunda nas reflexões das marés de dentro.

De forma geral, o que ficou marcado tanto para mim quanto para a docente responsável pela disciplina, foi a força da ludicidade construída através do corpo de forma tão espontânea. A forma como as canções foram se apresentando e como elas se encaixavam muito em questões que a turma, ou as pessoas de forma particular, apresentavam. As diferenças apresentadas a partir das divergências de cada grupo.

Além disso, ficou bastante marcado para o grupo como um todo, a força do corpo como farol em movimento. Ambas as turmas se despediram depois da apresentação da cena refletindo sobre a quantidade de possibilidades existentes nessa corporeidade em movimento e, muitas vezes, ignorada por eles por essa falta de intimidade com seu próprio corpo. O agradecimento por essa retomada mínima de consciência foi unânime nos alunos e na docente das turmas.

Como Bispo (2023) defende, o envolvimento com o corpo – essa máquina que nos carrega, mas que, ao mesmo tempo, é carregada por uma quantidade massiva de comportamentos esperados por uma ética social de governamentalidade – tem a potencialidade de recobrar muito da sensatez que nossa subjetivação nos oferece. As atividades demonstraram o que ele defende, que as relações que podemos construir com o chão são transformadas a partir dessa consciência.

Nos encontros da semana seguinte, os próprios alunos propuseram reflexões teóricas sobre os textos e práticas apresentadas, além de exercícios coletivos que fossem capazes de dar continuidade àquilo experimentado na semana anterior.

Na terça-feira, discutimos basicamente o texto de Geni Núñez (2021) e a forma esclarecedora que ela apresenta a necessidade desse reflorestamento do imaginário, a partir de um leque de novas alternativas propostas pela autora no intuito de um embate epistêmico com a monocultura incrustada na governamentalidade dos corpos a partir do colonialismo. Um aluno conduziu uma espécie de meditação coletiva com sons da natureza em que fomos levados a refletir sobre estes aspectos da existência de forma individual. Além disso, também fomos conduzidos a uma experimentação técnica de respiração que auxilia nesse esclarecimento do corpo e das ideias. Os alunos, de modo geral, refletiram sobre o encontro de forma positiva e se disseram bastante interessados na possibilidade de uma oferta nesse sentido, pelo menos, a cada semestre.

Na quinta-feira apresentou uma vivência também incrementada e bastante conectada com a oferta realizada anteriormente, uma das atividades propostas foi uma brincadeira corporal com tecidos em que pudéssemos nos separar em grupos e testar possibilidades de movimento, dança e construções lúdicas. Depois disso, foram apresentados os textos enviados para reflexão, dessa vez todos os textos foram apresentados e a discussão teórica, neste

sentido, ganhou mais corpo e expressão. Encerramos a reflexão com a proposta de uma colagem a partir de uma foto de cada um trazida para a realização da sugestão, pensando em como construir imageticamente esse reflorestamento do imaginário, os alunos fizeram colagens dessas fotos com a natureza buscando construir essa relação na forma poética e artística desse desejo. Chamou bastante atenção que maioria dos alunos que participaram desta atividade trouxeram imagens suas de criança, apenas duas pessoas trabalharam com fotos atuais nas colagens, as pessoas responsáveis pela proposta disseram que a instrução era que fosse usada qualquer foto para a atividade. Ambas as turmas reforçaram sobre o ineditismo dos termos “interseccionalidades” e “cosmogonias” apresentadas nos textos e nas práticas da oficina.

Na primeira semana de dezembro os alunos da disciplina produziram apresentações que demonstrassem os aprendizados registrados no corpo no desenvolvimento da disciplina. Os alunos de ambas as turmas trabalharam com diversas formas de apresentação, dentre elas, uma experiência com uma vela acesa na mão e a reflexão de uma chama interna a partir da experiência vivida no que a aluna chamou de “aula da maré”.

O que marcou a memória desses encontros foi essa relação de autojulgamento e autopiedade desenvolvida por essa forma normativa social confrontada por essa relação mais ativa e responsável do sujeito em relação com o mundo. A possibilidade de circulação de uma flecha condutora de novos caminhos a partir do conhecimento parece ter estimulado um trabalho mais coletivo e centrado em novas perspectivas de desejos e realizações.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama. 112p, 2023.
- FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel, T., org. O lugar da mulher; estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 146p. p. 87-106.
- MOREIRA DA SILVA, Edson; GONTIJO MARTINS, Paula. **O corpo é o farol**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online], 23 ago. 2023. Disponível em: < <https://piseagrama.org/extra/o-corpo-e-o-farol/>>. Acesso em 18 jun. 2026.
- NÚÑEZ, G. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário, **ClimaCom** - Diante dos Negacionismos [on-line], Campinas, ano 8, n. 21, nov. 2021. Disponível em: < <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>>. Acesso em 18 jun. 2026.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 15/09/2025

Aprovado em: 12/02/2026